



BEM-AVENTURADOS FRANCISCO E JACINTA MARTO

BOLETIM DOS PASTORINHOS – JANEIRO-MARÇO 2004 (ANO 42)

FÁTIMA E A MODERNIDADE – PROFECIA E ESCATOLOGIA

O actual Prefeito da Congregação das Causas dos Santos, Cardeal José Saraiva Martins, ocupava anteriormente o lugar de reitor magnifico da Universidade Pontificia Urbaniana a qual, segundo a tradição académica, quis comemorar o 70º aniversário desta «prestigiosa figura de homem de estudo e de Igreja».

Estudiosos de fama, provenientes de várias partes do mundo e de diversas instituições universitárias foram convidados a retomar e a aprofundar os temas aos quais o Sr. Cardeal Saraiva Martins mais se dedicou, reunindo-os num livro intitulado *Veritas in Caritate*.

Entre esses estudos apresentamos (neste e nos próximos números) o do Sr. D. António dos Santos Marto, bispo auxiliar de Braga.

«O raio e o trovão precisam de tempo, a luz dos astros precisa de tempo, as acções precisam de tempo para poderem ser vistas e ouvidas» (Nietzsche)

Esta frase de Nietzsche, apesar de se referir a um contexto diferente, pode bem aplicar-se à mensagem das aparições de Nossa Senhora em Fátima em 1917. Só distanciando-nos no tempo, no início de um novo século, somos capazes de captar toda a sua grandeza, profundidade e relevância.

Um historiador inglês, G. J. Hobsbawn, define o século XX como “século breve”: fá-lo começar em 1914 com a pri-

meira guerra mundial e acabar em 1989 com a queda do muro de Berlim. Precisamente este período de tempo é abrangido de modo especial na mensagem de Fátima.

As aparições tiram o seu significado particular do momento histórico, social, político, cultural e religioso ao qual dirigem a sua interpelação e que procuram iluminar com a sua mensagem. Segundo a doutrina de S. João da Cruz as aparições são o invólucro da mensagem. A primazia cabe à mensagem de amor. A Igreja considera-as «revelações privadas» que não podem ser comparadas à Revelação consignada na Sagrada Escritura. O seu objectivo não é fundamentar a fé mas servi-la. Não



Após uma longa preparação de dez anos, o famoso pintor russo Ilija Glasunow apresentou numa exposição em Moscovo, uma tela de 6m x 3 m intitulada «o mistério do século XX» onde mostra os problemas da civilização cristã desse século emociante e catastrófico.

O quadro é uma composição onde se reconhecem figuras e lugares famosos, tais como Tolstoi, o Czar Nicolau II, Lenine, Hitler, Mussolini, Churchill, Roosevelt, Einstein, Stalin, Kennedy, os Beatles, Solschenizyne, Mao, uma mulher nua, a Porta de Brandenbug, o cogumelo da bomba atómica, um feto enorme e, por cima de tudo, pairando iluminado, Cristo ressuscitado. A comissão de arte russa, ainda comunista, quis retirar o quadro da exposição mas Glasunow declarou «Esta pintura representa a minha filosofia. Sem este quadro a minha exposição seria como um corpo sem alma».

acrescentam nada à única revelação, mas podem ser um humilde apelo. Constituem sinais sensíveis nos quais Deus se comunica segundo a capacidade daquele que o recebe. O seu papel pode aproximar-se ao dos ícones que, segundo a teologia oriental, são uma «verdadeira objectivação, inspirada pelo Espírito Santo [...] geradora e portadora de presença». Elas pertencem à ordem do carisma, isto é, são um dom de Deus a um membro do corpo de Cristo para bem de todo o corpo. Como todos os carismas de carácter excepcional, não devem ser procuradas mas acolhidas, em acção de graças, com discernimento e prudência.

Na expressão de K. Rahner, uma revelação privada não representa uma inovação, isto é, uma nova interpretação das realidades da fé; é antes a revelação de um imperativo evangélico numa determinada situação histórica da Igreja e do mundo, a realizar com urgência num preciso momento requerido pela própria situação histórica e de acordo com os princípios gerais da revelação oficial e da fé eclesial.

Por isso a revelação privada é uma actualização epocal, uma aplicação histórica da revelação fundadora numa determinada época, de modo a inseri-la nas consciências e na cultura como graça, promessa, existência e juízo, de modo a que os ouvintes e os destinatários se confrontem com um chamamento directo de Deus que convida à obediência da fé.

As aparições são um sinal de Deus para a nossa geração. E Maria aparece como a serva do Senhor, disponível ao serviço da Igreja no mundo. As aparições querem ainda preparar a Igreja para o futuro, por vezes com tons apocalípticos.

Penso ser necessário fazer este preâmbulo à maneira de introdução porque, relativamente às aparições, constata-se com frequência uma curiosidade por vezes doentia que corre o risco de se fixar sobre detalhes periféricos sem captar o fundamental.

As aparições e a conseqüente revelação não podem fazer esquecer a dramática situação histórica na qual a comunidade cristã está inserida. Por isso só na medida em que as aparições se colocam numa relação com a história quotidiana e com as grandes provocações que partem da humanidade, se pode pensar estarmos perante uma mensagem que é dada para provocar a fé, que se tornou tépida e indiferente.

Uma reflexão teológica a este propósito não poderá dispensar uma análise atenta ao contexto socio cultural em que as aparições acontecem, por exemplo, as condições peculiares que a Igreja vive num determinado momento.

1. No horizonte da Modernidade

É bem evidente como a mensagem de Fátima se refere à nova era dos tempos modernos com particular incidência na época dos dois grandes conflitos que marcam a história do século XX, com todo o contexto em que estes se inserem e com tudo aquilo de que são expressão.

A primeira e a segunda guerra mundiais constituem como que um prisma do mal neste século, onde de vários ângulos se reflectem e se podem observar as principais facetas do mal e os seus efeitos perversos:

- a novidade trágica da forma política totalitária, nas versões do estalinismo e do nazismo, típica do século XX;
- o recurso à mentira sistemática para fabricar uma verdade e (re) escrever a história;
- um programa de negação de Deus e da Sua expulsão da

vida pública e das próprias consciências através um ateísmo e um laicismo militantes;

– a aniquilação e a morte do ser humano e o desprezo total da dignidade da pessoa, na expressividade numérica de dezenas de milhões de vítimas, em nome da pureza radical da ideologia, da revolução ou da raça, elevadas à categoria de novas divindades;

– a novidade daquela que viria a ser chamada a «guerra total» que, infringindo os códigos tradicionalmente aceites, dava via livre à liquidação dos civis e inocentes, usando todos os instrumentos científico-técnicos mais modernos. Isto representa o levar até ao extremo o poder arbitrário que não conhece limites, qualquer limite.

– o fenómeno colectivo de ódio e de violência que se apoderou de pessoas e povos.

Numa leitura teológica dos sinais dos tempos, a guerra mundial e a guerra total representam (isto é, tornam presente) um concentrado do mal, um símbolo real da *mundialização do pecado* experimentada pela primeira vez na sua monstruosidade, no seu horror e terror a nível planetário. Põem em evidência tanto as *formas do mal organizado* do qual está tragicamente cheio o nosso século, como a *aceitação da normalidade e da banalidade do mal*, agora racionalmente justificado e legitimado, científica e tecnicamente programado e executado.

À distância de tempo aparecem-nos hoje com mais clareza a metamorfose, a rotura e a degeneração da modernidade e dos seus êxitos potencialmente destruidores.

A novidade dos tempos modernos não consiste propriamente no facto de o homem ter decidido usar livre e publicamente a razão, segundo o lema de Kant. Este lema lança as suas raízes no cristianismo, na convicção de que o homem é criado à imagem de Deus, capaz de conhecimento criador.

O que marca a rotura epocal é o facto de a modernidade se apresentar como um projecto ambicioso de salvação do homem pelo homem, que teve a sua expressão teórica extrema no século XIX com «os mestres da suspeita» e a sua mensagem, de que foi herdeiro maior o marxismo: é preciso que Deus morra para que o homem viva. O século XIX deixou na consciência geral, como herança, esta chaga aberta que entrou pelo século XX: o rancor contra Deus como inimigo do homem, que veio a redundar na própria morte do homem.

Sintetizando com palavras de João Paulo II: «Esta mensagem (isto é, a mensagem de Fátima) destina-se de modo particular aos homens do nosso século, marcado pelas guerras, pelo ódio, pela violação dos direitos fundamentais do homem, pelo enorme sofrimento de homens e nações e por fim, pela luta contra Deus até à negação da sua existência.»

A mensagem de Fátima contempla com lucidez e amargura esta tumultuosa e dramática vicissitude histórica. Depois das Escrituras é talvez a denúncia mais forte e impressionante do pecado do mundo que convida toda a Igreja e o mundo a um exame de consciência sério. Só quem tem o sentido forte da dignidade do homem perante Deus, do seu destino eterno, pode compreender quão grande é a tragédia do pecado e como a perda do sentido do pecado é, no mais profundo, a perda do sentido de tudo aquilo que é verdadeiramente humano. «Com a eliminação de Deus das consciências, é o próprio homem que entra em perigo. No final do século está em jogo e risco não

só a existência de Deus mas também a dignidade do homem.»

Perante esta situação da humanidade ferida, a mensagem de Fátima é porta-voz do clamor das vítimas e torna-se um convite a ler a história a partir das vítimas, a deter-se perante o mistério do homem diante do mistério de Deus. Repropõe de modo veemente a antiga e sempre actual interpelação do Génesis: «Adão, onde estás?» (3,9) – isto é: onde está o homem? Onde está o homem no universo concentracionário de Auschwitz ou do gulag soviético? «Como se pode acreditar no homem ou inclusive como se pode crer na humanidade – que palavra sonora a este respeito! – se em Auschwitz se teve de experimentar aquilo de que o homem é terrivelmente capaz?» O cinismo dos opressores modernos não é porventura expressão da *impiedade* do mundo moderno e do seu horripilante desprezo e abandono de Deus? Quem salvará o homem do próprio homem?

(continua)

AS APARIÇÕES DO ANJO

Jesus Cristo veio trazer à terra a Mensagem, única e suficiente, que está contida no seu Evangelho e nos ensinamentos oficiais da Igreja. Mas os homens são muito esquecidos e distraídos e, pelo tempo fora, vão querendo pôr de parte alguns aspectos da Mensagem divina. Então Deus digna-se relembrar tais aspectos menosprezados, mais em perigo de se adulterarem com os costumes e a mentalidade de cada época, ou até mais contrariados pelo inimigo fundamental que é o Demónio. Uma vez intervém Nosso Senhor em pessoa para dar a conhecer aos homens estas Mensagens a que chamaremos parciais, ou de repetição. É o caso das revelações do Sagrado Coração de Jesus a Santa Margarida Maria. Outras vezes, mais frequentes, o Senhor deixa vir sua Mãe. Mais raro e até talvez único na história da Igreja é ter Nossa Senhora mandado um Anjo à sua frente para iniciar uma preparação que Ela depois quis continuar e para dar aos acontecimentos de Fátima um preâmbulo que lodo colocou os protagonistas num clima saturado de sobrenatural e de onde se depreendem já as coordenadas daquilo que viria a constituir o âmago da Mensagem: Deus ofendido; necessidade de reparação; mudança de vida.

Transcrevemos em seguida as palavras exactas de Lúcia sobre as três aparições do Anjo, estando presentes apenas ela e os seus dois primitos, Francisco e Jacinta.

«As datas não posso precisá-las com certeza, porque, nesse tempo, eu não sabia ainda contar os anos, nem os meses, nem mesmo os dias da semana. Parece-me, no entanto, que deveu ser na Primavera de 1916 que o Anjo nos apareceu a primeira vez na nossa Loca do Cabeço...subimos a encosta em procura dum abrigo e como foi, depois de aí merendar e rezar, que começámos a ver, a alguma distância, sobre as árvores que se estendiam em direcção ao Nascente, uma luz mais branca que a neve, com a forma dum jovem, transparente, mais brilhante que um cristal atravessado pelos raios do Sol. À medida que se aproximava, íamos-lhe distinguindo as feições. Estávamos surpreendidos e meios absortos. Não dizíamos palavra.

Ao chegar junto de nós, disse:

– Não temais. Sou o Anjo da Paz. Orai comigo.

E ajoelhando em terra, curvou a frente até ao chão. Levados por um movimento sobrenatural, imitámo-lo e repetimos as palavras que lhe ouvimos pronunciar:

– Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-Vos. Peço-Vos perdão para os que não crêem, não adoram, não esperam e não Vos amam.

Depois de repetir isto três vezes, ergueu-se e disse:

– Orai assim. Os Corações de Jesus e Maria estão atentos à voz das vossas súplicas.

E desapareceu.

A atmosfera do sobrenatural que nos envolveu era tão intensa, que quase não nos dávamos conta da própria existência, por um grande espaço de tempo, permanecendo na posição em que nos tinha deixado, repetindo sempre a mesma oração. A presença de Deus sentia-se tão intensa e íntima que nem mesmo entre nós nos atrevíamos a falar.»

Cada uma das palavras do Anjo e até das da narrativa de Lúcia, mereceriam longo e apropriado comentário e dariam lugar para proveitosa meditação. Será feito em ocasião mais oportuna.

«A segunda deveu ser no pino do Verão, nesses dias de maior calor, em que íamos com (*os*) rebanhos para casa, no meio da manhã, para os tornar a abrir só à tardinha.

Fomos, pois passar as horas da sesta à sombra das árvores que cercavam o poço já várias vezes mencionado. De repente, vimos o mesmo Anjo junto de nós.

– Que fazeis? Orai! Orai muito! Os Corações de Jesus e Maria têm sobre vós desígnios de misericórdia. Ofereci constantemente ao Altíssimo orações e sacrifícios.

– Como nos havemos de sacrificar? – perguntei.

– De tudo que puderdes, ofereci um sacrifício em acto de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores. Atrai, assim, sobre a vossa Pátria, a paz. Eu sou o Anjo da sua guarda, o Anjo de Portugal. Sobretudo, aceitai e suportai com submissão o sofrimento que o Senhor vos enviar.

Estas palavras do Anjo gravaram-se em nosso espírito, como uma luz que nos fazia compreender quem era Deus, como nos amava e queria ser amado, o valor do sacrifício e como ele Lhe era agradável, como, por atenção a ele, convertia os pecadores. Por isso, desde esse momento, começamos a oferecer ao Senhor tudo que nos mortificava, mas sem discorrermos a procurar outras mortificações ou penitências, excepto a de passarmos horas seguidas prostrados por terra, repetindo a oração que o Anjo nos tinha ensinado.»

«A terceira aparição parece-me que deveu ser em Outubro ou fins de Setembro, porque já não íamos passar as horas da sesta a casa... passámos da Prégueira (é um pequeno olival pertencente a meus pais) para a Lapa, dando a volta à encosta do monte pelo lado de Aljustrel e Casa Velha. Rezámos aí o terço e (*a*) oração que na primeira aparição nos tinha ensinado. Estando, pois, aí, apareceu-nos pela terceira vez, trazendo na mão um cálix e sobre ele uma Hóstia, da qual caíam, dentro do cálix, algumas gotas de sangue. Deixando o cálix e a Hóstia suspensos no ar, prostrou-se em terra e repetiu três vezes a oração:

– Santíssima Trindade, Padre, Filho, Espírito Santo, adoro-Vos profundamente e ofereço-Vos o preciosíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo, presente em todos os sacrários da terra, em reparação dos ultrajes, sacrilégios e indiferenças com que Ele mesmo é ofendido. E pelos méritos

infinitos do Seu Santíssimo Coração e do Coração Imaculado de Maria, peço-Vos a conversão dos pobres pecadores.

Depois, levantando-se, tomou de novo na mão o cálix e a Hóstia e deu-me a Hóstia a mim e o que continha o cálix deu-o a beber à Jacinta e ao Francisco, dizendo, ao mesmo tempo:

– Tomai e bebei o Corpo e o Sangue de Jesus Cristo horrivelmente ultrajado pelos homens ingratos. Reparai os seus crimes e consolei o vosso Deus.

De novo se prostrou em terra e repetiu connosco a mais três vezes a mesma oração:

– Santíssima Trindade... etc.

E desapareceu.

Levados pela força do sobrenatural que nos envolvia, imitávamos o Anjo em tudo, isto é, prostrando-nos como Ele e repetindo as orações que Ele dizia. A força da presença de Deus era tão intensa que nos absorvia e aniquilava quase por completo. Parecia privar-nos até do uso dos sentidos corporais por um grande espaço de tempo. Nesses dias, fazíamos as acções materiais como que levados por esse mesmo ser sobrenatural que a isso nos impelia. A paz e felicidade que sentíamos era grande, mas só íntima, completamente concentrada a alma em Deus. O abatimento físico, que nos prostrava, também era grande.»

E aqui temos, na simplicidade fiel da narradora e protagonista, contada uma das cenas mais portentosas de toda a história humana nas suas relações com o sobrenatural. Tanto as palavras proferidas como o cenário e todos os gestos, são densos de doutrina e de profundo significado que deixamos ao estudo dos entendidos, com vista a conclusões e aplicações práticas. Porque o espaço não dá para mais, citamos apenas umas palavras de Lúcia, noutra lugar das suas Memórias, referentes também a esta aparição:

«Na terceira aparição, a presença do sobrenatural foi ainda muitíssimo mais intensa. Por vários dias, nem mesmo o Francisco se atrevia a falar. Dizia depois:

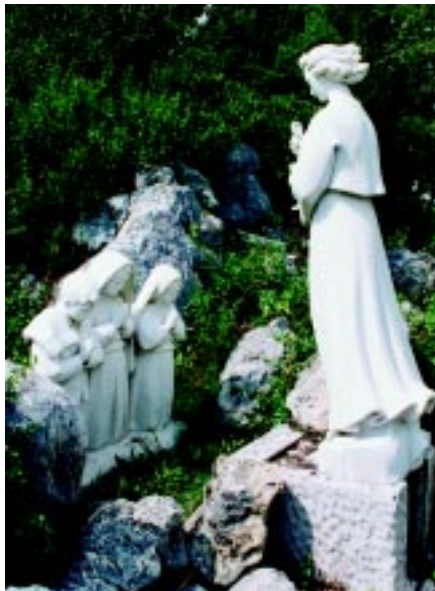
– Gosto muito de ver o Anjo; mas o pior é que, depois, não somos capazes de nada. Eu nem andar podia, não sei o que tinha!

Apesar de tudo, foi ele quem se deu conta, depois da terceira aparição do Anjo, das proximidades da noite. Foi quem disso nos advertiu e quem pensou em conduzir o rebanho para casa.

Passados os primeiros dias e recuperado o estado normal, perguntou o Francisco:

– O Anjo, a ti, deu-te a Sagrada Comunhão; mas a mim e à Jacinta, que foi o que Ele nos deu?

– Foi também a Sagrada Comunhão – respondeu a Jacinta, numa felicidade indizível. – Não vês que era o Sangue que caía da Hóstia?



Loça do Cabeço onde o Anjo apareceu duas vezes aos Pastorinhos

– Eu sentia que Deus estava em mim, mas não sabia como era!

E prostrando-se por terra, permaneceu por largo tempo, com a sua Irmã, repetindo a oração do Anjo: Santíssima Trindade..., etc.»

Tenhamos coragem para percorrer o caminho dos Pastorinhos

A santidade humana consiste na participação da santidade de Deus. Por isso Jesus disse «Sede santos como o vosso Pai do Céu é santo». A participação na santidade de Deus é alcançada pela graça santificante.

A santidade no homem manifesta-se em primeiro lugar pelo amor a Deus, que se revela em dois aspectos: evitar o pecado e praticar a virtude.

Para agir por amor a Deus é necessária a força sobrenatural.

Pelo baptismo os Pastorinhos receberam a graça santificante. Devido à sua tenra idade não tiveram nem paixões nem formas de provação especiais, não necessitando por isso de esforço para as vencer. Como puderam então mostrar e praticar a sua vida sobrenatural? Pelas numerosas ocasiões e possibilidades de fazer sacrifícios que ofereceram em reparação pelas ofensas a Deus e ao Coração Imaculado de Maria e, além disso, as orações – em especial a do terço – aceitando o convite do Anjo e da Santíssima Virgem.

Pela oração do Anjo «Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-Vos...» os Pastorinhos praticaram as virtudes divinas e o mais belo amor para com o próximo ao pedirem perdão para os que não crêem, não adoram, não esperam e não amam a Deus. Assim viveram o seu amor a Deus e aos homens e assim alcançaram a glória da santidade.

Quando nos sentimos verdadeiramente pobres para entrarmos na presença de Deus e sem nada para Lhe oferecer, tenhamos a coragem de percorrer o caminho de santidade dos Pastorinhos, amando a Deus, adorando-O, cantando o seu louvor e apresentando os nossos sacrifícios como reparação pelos pecados da humanidade, segundo o exemplo dos Bem-Aventurados Francisco e Jacinta.

* * *

Para conhecer melhor, tanto a Mensagem de Fátima, como a vida dos Pastorinhos recomendamos a leitura de:

«Memórias da Irmã Lúcia» – volumes I e II

«Apelos da Mensagem de Fátima»

Estes três livros da autoria da Irmã Lúcia encontram-se à venda neste Secretariado, não só em português, mas em diversas outras línguas.

BEM-AVENTURADOS FRANCISCO E JACINTA MARTO - Publicação trimestral - Director, Editor e Proprietário: P. Luís Kondor, svd
Secretariado dos Pastorinhos, Apartado 6. P-2496-908 FATIMA — Tel. 249 539780; 531282. Fax 249 539789.
E-Mail: Sec.Pastorinhos@mail.telepac.pt — Impresso na Gráfica Almondina — D.G.G.S. Nº 101052 - Preço: 0,05€
Conta bancária em Portugal: Swift: BCOMPTPL. IBAN: PT50 0033 0000 5009 859 951 05; NIB: 0033 0000 50098593951 05.